

INTRODUÇÃO

No artigo 2, da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 consta que, a educação e o desenvolvimento pleno do educando são deveres não somente do Estado, mas também da família. No entanto, se analisarmos a sociedade em que vivemos, considerando aspectos como, a interferência do capitalismo no modo de vida das pessoas, pode-se dizer, hipoteticamente, que, muitas vezes os pais deixam de acompanhar a vida escolar dos filhos, de se envolver com questões afetas a sua aprendizagem e de discipliná-los em relação aos estudos por falta de tempo, falta de instrução suficiente, entre outras razões. Muitas vezes em decorrência desta falta de tempo a família acaba transferindo para a escola toda a responsabilidade educacional de seus filhos. Segundo Lima e Domingues (2007, p. 12):

Com o passar dos séculos, as transformações sociais ocorridas por meio das relações de trabalho provocaram um novo arranjo da estrutura familiar e, conseqüentemente, da social. Essas não partiram de uma organização natural do núcleo familiar, mas foram gestadas pelas relações de produção e do mercado de trabalho.

Contudo, o intuito do presente trabalho é pontuar as contribuições da participação dos pais no desempenho escolar, na aprendizagem e a formação dos filhos. Apresentamos no decorrer de três capítulos, uma discussão sobre os pontos positivos do envolvimento dos pais com a educação escolar da criança, de modo a legitimar a hipótese de que a interação entre família e escola favorece sua aprendizagem, uma vez que, faz do ambiente familiar uma extensão do ambiente escolar, e vice e versa. Ao pontuarmos tais contribuições, apresentamos também, a importância da relação de autoridade dos pais para com os filhos e o papel da disciplina como meio de se estabelecer uma organização direcionada nos estudos. Ao falarmos da participação dos pais na vida escolar da criança, fazemos uma ligação com a teoria de Lev Vigotski (1984), que ao tratar de aprendizagem e desenvolvimento dentro da perspectiva sócio-histórica, utiliza o termo mediação e o define como processo de intervenção de um elemento numa relação. De acordo com Magalhães (1996, p. 3-4):

Em uma abordagem sócio-histórica/cultural, a aprendizagem de qualquer conhecimento novo parte do OUTRO, de padrões interacionais interpessoais. Assim, a aprendizagem é entendida, independentemente da idade, como social e contextualmente situada, como um processo de reconstrução interna de atividades externas.

Vigotski trata da mediação de maneira mais ampla, porém, tratamos aqui da relação de mediação dos pais na vida escolar dos filhos e suas contribuições para sua aprendizagem, tratando de uma especificidade a partir de algo maior que é a teoria vigotskiana.

Para que os pais desempenhem seu papel de mediadores, acreditamos ser necessário que, exerçam também seu papel de autoridade, estabelecendo regras que direcionem os filhos a adotarem uma postura de responsabilidade e compromisso com os estudos. Schmidt (1974, p.14) afirma que, “a educação do senso de responsabilidade é tarefa heroica, pois exige autoridade e maturidade dos educadores”.

Segundo Araujo (2005), por meio de sua prática educativa, os pais podem exercer grande influência na formação dos filhos, por exemplo, impondo-lhes alguns limites quando necessário. Afinal, a sociedade da qual farão parte, é regida por regras.

Nos últimos anos, discussões afetas a relação entre família e escola têm ganhado cada vez mais espaço dentro das políticas educacionais, que por sua vez reafirmam a importância da participação familiar na vida escolar da criança. Mas o que os pais podem fazer para incentivar os filhos a terem um bom desempenho na escola? A disciplina e a criação de uma rotina de estudos, para a realização dos deveres de casa e a retomada do conteúdo ensinado na escola, são algumas estratégias que os pais podem utilizar para auxiliar a aprendizagem dos filhos, contribuindo, assim com a sua formação.

Carvalho (2004) afirma que, a participação dos pais se dá, principalmente, por meio do dever de casa, pois esta pode vir a ser uma boa oportunidade para que os pais interajam com a vida escolar dos filhos, auxiliando-os em suas dificuldades ou mesmo mostrando interesse pelos conhecimentos que estão construindo.

A participação dos pais na vida escolar dos filhos pode acontecer de diversas maneiras, desde um exemplo em casa, até no acompanhamento das atividades escolares, dos progressos e dificuldades da criança na escola. Enfim, existem várias formas de envolvimento familiar que podem contribuir significativamente para a formação da criança.

Ao falarmos sobre o papel dos pais na orientação dos filhos nos estudos, é válido ressaltar que, a “disciplinarização” é um aspecto importante no desempenho deste papel. Uma matéria publicada no Jornal do Senado em agosto de 2007 mostrou que, a disciplina e o incentivo podem ajudar na aprendizagem da criança e para que os pais disciplinem e incentivem os filhos quanto aos estudos, é preciso que estabeleçam uma rotina organizada das atividades e horários e se mostrem interessados pelos conhecimentos por eles construídos.

O impor de regras pelos pais, por meio da autoridade e da disciplina não tem, necessariamente, caráter de coação. McGregor (1980), em sua teoria sobre administração, a qual chamou de teorias X e Y, fala sobre a gestão autoritária e a gestão participativa. Na gestão autoritária desconsidera-se o potencial e a capacidade de trabalho das pessoas e estas são vistas como preguiçosas e imaturas que necessitam de comandos para obterem resultados. Já na gestão participativa os líderes desafiam as pessoas a serem responsáveis e a trabalharem para obterem sua realização profissional dentro da empresa. Trazendo a teoria de McGregor para a nossa temática, o papel dos pais seria como o do líder da empresa que, por meio da “gestão participativa” desafia os funcionários a buscarem a realização de um bom trabalho, para que deste modo, alcancem seus objetivos e os resultados almejados por ambas as partes.

Supõe-se que os filhos precisam de um estímulo para que floresça neles a motivação para buscar sua própria aprendizagem, sua formação escolar, e conseqüentemente sua realização pessoal ao longo da vida. Para isso necessitam de um “espelho”, alguém para seguir os passos e almejar ser semelhante ou até melhor. Neste contexto, este espelho para os filhos seriam os pais, estimulando-os e motivando-os na construção dos conhecimentos. Mas qual a relação entre “espelho” e “disciplina”? Segundo Bottura (1993, p. 39):

O espelhamento está diretamente ligado ao tipo de relação dos pais com seus filhos, ou seja, às ações, atitudes, comportamentos e conceitos que são transmitidos à criança. Se os nossos espelhos forem fiéis, mostraram a nossa verdadeira imagem, e assim, teremos uma boa autoimagem.

Todos nós esperamos uma resposta dos pais ou mesmo de outro alguém em relação ao que fazemos, assim é a criança, frente a um conhecimento que construiu ou diante de suas dificuldades. Neste sentido a participação dos pais pode ser fundamental no desenvolvimento da criança em seus aspectos emocionais e comportamentais.

A personalidade do indivíduo pode ser determinada pela genética e pelo ambiente. Ao falarmos das interferências do ambiente na formação do indivíduo nos referimos à influência dos pais, sob o rumo que poderá tomar a formação dos filhos, seja incentivando-os nos estudos, mostrando-lhes a importância de se buscar uma boa formação, seja estabelecendo regras que os disciplinem a criar uma postura em relação aos estudos. Vigotski e Luria (1996, p. 95), afirmam que:

O comportamento do homem moderno, cultural, não é só produto da evolução biológica, ou resultado do desenvolvimento infantil, mas também produto do desenvolvimento histórico. No processo do desenvolvimento histórico da humanidade, ocorreram mudança e desenvolvimento não só nas relações externas entre pessoas e no relacionamento do homem com a natureza; o próprio homem, sua natureza mesma, mudou e se desenvolveu.

Partindo do pressuposto de que, o indivíduo constrói seus conhecimentos por meio da mediação de outros sujeitos e sua relação com o meio cultural que o rodeia, é válido ressaltar que, a participação dos pais na vida escolar dos filhos pode ser fundamental para sua formação ao longo de toda sua vida. Meier e Garcia (2007) afirmam que, mediar é importantíssimo tanto na educação formal, oferecida pela escola, quanto nos ambientes não formais, como nas relações entre pais e filhos. Mediar é imprescindível na relação entre aquele que ensina e aquele que aprende. Segundo Rosso e Souza (2011 p. 3):

[...] orientado e regulado pelo outro, o sujeito investe esforços na tarefa de entender e dar sentido a objetos e fatos da sua realidade e,

a partir desta dinâmica, passa a se auto-regular, a ter domínio sobre suas ações e escolhas. O processo de interação e de mediação assume, nesta perspectiva, papel e função primordial no desenvolvimento dos indivíduos e na organização da vida em sociedade.

Para além das bases teóricas, nas quais buscamos respaldo para fundamentar as hipóteses apresentadas nesta pesquisa, realizamos um estudo de caso, que ilustra as respectivas hipóteses. Por meio de uma entrevista, pudemos conhecer melhor, como de fato os pais têm participado da vida escolar dos filhos e como essa participação tem contribuído para sua aprendizagem.

1 A MEDIAÇÃO E SUA RELEVÂNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Partindo da perspectiva de que a participação dos pais na educação dos filhos seja relevante para sua formação como sujeito social, isto porque, a partir desta base, eles podem buscar suas realizações pessoais e profissionais ao longo da vida, a família pode muitas vezes influenciar no processo de aprendizagem dos filhos. Deste modo, discutiremos neste capítulo o conceito de mediação, para que possamos compreender o papel mediador dos pais na educação escolar dos filhos.

O conceito de mediação tem várias definições. Dentre elas destacamos a perspectiva de Lev Vigotski, teórico russo, nascido em Orsha, cidade próxima à capital da hoje extinta União Soviética, em 5 de novembro de 1896, autor de diversas obras no campo da psicologia, tais como, *Formação social da mente* (1984), *Pensamento e linguagem* (1993), *A Construção do pensamento e da linguagem* (2001) entre outras. Segundo a perspectiva de Vigotski, a mediação está interligada às “Funções Psicológicas Superiores”, que são as capacidades de ações intencionais do indivíduo, tais como planejamento, atenção, memória, imaginação entre outras e é a partir da mediação que as FPS se desenvolvem.

Vigotski define mediação como sendo a base dos processos psicológicos superiores e afirma em uma de suas obras que:

A essência do método instrumental reside no uso funcionalmente diferente de dois estímulos, que determinam diferencialmente o comportamento; disso resulta o domínio do indivíduo sobre as suas próprias operações psicológicas. (VIGOTSKI, 2007, p.3).

A mediação dentro da perspectiva vigotskiana trata-se de um processo que envolve instrumentos, sujeito e objeto, por meio do qual o homem se relaciona com o mundo e com outros homens. Para La Taille (2009, p. 38), “todo e qualquer elemento captado pela percepção e toda e qualquer representação construída pela mente.”

Segundo Vigotski, apropriar-se dos instrumentos de mediação faz parte do processo de desenvolvimento do sujeito. A teoria de Vigotski tem suas bases no pensamento marxista, que por sua vez tratou do termo mediação ao teorizar o processo de transformação no campo de produção. Para Vigotski o desenvolvimento

precede a aprendizagem. “A aprendizagem é uma superestrutura do desenvolvimento, e essencialmente não existem intercâmbios entre os dois momentos”. (VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 1988, p. 104).

Em suma, a teoria vigotskiana compreende mediação como um processo cultural em busca da aprendizagem. Segundo ele o indivíduo adquire informações, habilidades, valores e condutas por meio do processo de aprendizagem que por sua vez acontece a partir de seu contato com o meio no qual esta inserido. Deste modo, entende-se, a partir desta perspectiva, que a aprendizagem está diretamente ligada à interdependência e à relação dos indivíduos envolvidos neste processo. Vigotski relaciona a aprendizagem e o desenvolvimento à interação social, interação esta, que se inicia desde os primeiros contatos e manifestações do sujeito, ainda no âmbito familiar. Segundo Oliveira (2010, p. 28, grifo do autor), “mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser **direta** e passa a ser **mediada** por este elemento”.

Uma pesquisa realizada na Universidade Estadual de Ponta Grossa mostra como o conceito de mediação é visto pelos professores e estudantes de pedagogia da respectiva Instituição. De acordo com Souza e Rosso, 2011:

[...] de modo geral, o conceito de mediação é compreendido pelas professoras como assessoramento, apoio, auxílio, orientação e intervenção pedagógica. Além disso, este conceito é percebido como o cerne central do trabalho docente e assume as imagens de ponte, caminho, elo e fio condutor, materializados na ação pedagógica do professor.

A mediação, seja ela dos pais, do professor ou de outro indivíduo envolvido neste processo de aprendizagem, torna-se relevante para o desenvolvimento e formação do educando. Vigotski em suas diversas obras trata dos instrumentos e dos signos como elementos mediadores no processo de construção do conhecimento. Deste modo, é possível afirmar, hipoteticamente, que os pais podem desempenhar este papel de elemento mediador, uma vez que propiciem aos filhos buscar e explorar os conhecimentos, sua aprendizagem, enfim sua formação. A mediação dos pais pode vir a ser um importante agente no processo de aquisição do

conhecimento pela criança, de modo que, a partir das experiências e da relação com o outro, ela possa desenvolver melhor suas habilidades.

Neste sentido é que nos indagamos sobre o papel dos pais no processo de aprendizagem e formação dos filhos, pois é por meio deles o primeiro contato da criança com qualquer tipo de aprendizagem e com o mundo exterior de modo geral. O incentivo dos pais aos estudos dos filhos poderão lhes favorecer no momento em que entrarem para uma segunda organização social, tanto a escola quanto a sociedade como um todo. Segundo Souza (1969, p. 9):

A escola é a continuação do lar. Ambos tem objetivos semelhantes: preparar a criança para a vida. [...] ambos, lar e escola têm funções definidas, embora interdependentes, e nenhum dos dois supre em definitivo o outro. Eles se completam, podendo também suplementar as próprias deficiências.

Deste modo, família e escola podem contribuir uma com a outra e com isso, favorecer a aprendizagem da criança. Uma pesquisa realizada por Cia e Barham (2009), constatou que, quanto maior o envolvimento dos pais com as atividades escolares dos filhos e quanto mais comunicação houver entre eles, melhor seu desempenho escolar.

O bom relacionamento pai-filho é preditor de uma relação afetuosa e positiva entre ambos e maximizador de diferentes aspectos do desenvolvimento infantil, como, por exemplo, o desenvolvimento social. (CIA; BARHAM, 2009. p. 72)

Segundo um artigo publicado pelo Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina em 2004, este envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos está ligado não somente ao acompanhamento de suas atividades escolares, mas à postura dos pais de “encorajar” os filhos a buscarem um melhor desempenho escolar. “Em qualquer tentativa para o início de aprendizagem ou desenvolvimento, o papel do processo de encorajamento deve ser reconhecido”. (DINKMEYER; DREIKURS, 1972, p. 53).

No processo de educar e direcionar os filhos a uma formação plena, os pais buscam fazê-lo da melhor forma possível, muitas vezes tentam proporcionar aos

filhos uma vida que almejaram ter e não tiveram. Nogueira (1998) aponta que, o êxito dos filhos é como um símbolo de êxito pessoal dos pais. A questão é que não é preciso que pais e mães paguem as melhores escolas, cursos e mais cursos, aulas particulares e tantos outros recursos, que de fato contribuem e muito para uma boa formação, talvez o que realmente venha fazer a diferença na educação e na aprendizagem dos filhos, seja a forma como os pais participam de sua vida escolar, se envolvem e se mostram interessados em acompanhar sua aprendizagem, suas vivências na escola, os saberes que estão construindo e as experiências que estão tendo.

Segundo Chechia e Andrade (2002), a participação dos pais na vida escolar dos filhos tem apresentado importantes contribuições em seu desempenho escolar. No artigo as autoras fazem referência a algumas transformações sociais que ocorreram ao longo dos tempos afetas a família e ao papel que ela tem desempenhado na vida escolar da criança e afirmam que poucos pais de fato se responsabilizam com a vida escolar de seus filhos. A participação da família e suas contribuições na aprendizagem da criança tem sido um objeto de estudo bastante frequente tanto na área da psicologia e da pedagogia, quanto na área de sociologia. Autores como Elkin (1968) e Dias (1992), entre outros, tratam da questão da participação dos pais na vida escolar dos filhos em seus aspectos históricos, designando a família como “agente socializador” diante de sua relação com a escola. O próprio Vigotski defende a ideia de que os fatores sociais e culturais interferem no processo de desenvolvimento intelectual do sujeito.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são retratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VIGOTSKI, 2007, p. 19-20).

Talvez a relação que Kal Marx¹ (1818-1883), faz entre homem e sociedade tenha sido a razão pela qual Vigotski buscou respaldo teórico na proposta marxista, relacionando-a com a psicologia. Miranda (1999) afirma que, o desenvolvimento do ser humano é um processo contínuo e sujeito a constantes transformações, pois, está ligado à interação com um todo social que por sua vez também está em constante transformação. Neste todo social está inserida a família, mais especificamente os pais, que como vimos, direta ou indiretamente, podem interferir no processo de desenvolvimento dos filhos.

Partindo da perspectiva de que o homem é um ser social e socialmente vai se construindo, podemos dizer que o seu desenvolvimento é determinado não só por fatores internos, mas também por fatores externos, ou seja, por meio de sua relação com o outro e com o meio no qual está inserido. É a partir de suas relações sociais que o sujeito irá desenvolver suas capacidades, expressar seus sentimentos e construir conhecimentos para atuar neste meio.

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, o nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). (VIGOTSKI, 1984, p. 64).

Targino (2011) afirma que, esta condição do homem como ser social o condiciona a agir de uma forma ou outra sobre sua realidade e que sua forma de pensar e agir é resultado de suas relações sociais.

De acordo com Vigotski (1984), o desenvolvimento determinado por meio da orientação de um adulto corresponde ao nível de desenvolvimento potencial da criança e para que ela alcance seu nível de desenvolvimento real, no qual já estará hábil a solucionar problemas de forma independente, é preciso que a criança passe pela zona de desenvolvimento proximal, a qual define como sendo um caminho a ser percorrido pelo sujeito para se desenvolver por completo.

Considerando o fato de que as primeiras relações sociais do homem se iniciam no âmbito familiar, o envolvimento dos pais com a educação escolar dos

¹ Karl Marx foi mencionado, pois, sua teoria serviu de influência para Lev Semenovitch Vygotsky, no entanto, o foco deste trabalho não está na Teoria Marxista, mas na Teoria Vigotskiana.

filhos pode levá-los a uma melhor formação ao longo da vida. Segundo Andolfi e Haber (1998, p. 213):

Historicamente, os dois sistemas que têm sido reconhecidos como os primários no desenvolvimento social e emocional das crianças são a família e a escola. Dos dois, a família tem sido reconhecida como a primeira influencia socializadora da criança.

Cia, Pamplin e Williams (2008) apresentam em seu artigo, os resultados de uma pesquisa que realizaram sobre a relação do envolvimento dos pais com o desempenho escolar dos filhos, na qual constataram que, algumas habilidades sociais educativas dos pais podem interferir neste desempenho, de modo que, esta participação familiar poderá estabelecer uma relação de segurança da criança para com os pais e da criança em suas relações interpessoais de modo geral.

É válido ressaltar também que, motivar os filhos a estudar, pode ser uma boa forma de participação dos pais na vida escolar dos filhos, visto que, ao motivá-los a ter um bom desempenho na escola, seja estabelecendo uma rotina de estudos, seja acompanhando suas atividades escolares e os auxiliando na realização delas, os pais poderão contribuir com sua aprendizagem e sua formação.

Discutir a relação dos pais com a vida escolar e o processo de desenvolvimento dos filhos, implica em compreendermos os conceitos de disciplina e autoridade, bem como, seu papel e sua importância nesta relação. Deste modo, no capítulo a seguir apresentamos estes conceitos dentro das perspectivas e prismas que os definem.

2 O PAPEL DOS PAIS COMO DISCIPLINADORES

O termo disciplina muitas vezes nos remete àquela delimitada nos currículos escolares, Português, Matemática, ciências e à disciplina no sentido das regras e limites afetos ao comportamento. Embora os conceitos de disciplina tenham sentidos semelhantes, o de restringir abstrata e materialmente algo ou alguém, apresentamos aqui a disciplina como um possível método de organização e orientação de posturas das crianças em relação aos estudos. Pois disciplinar deve ser sinônimo de ensinar a ter disciplina e não de castigar.

Porém, alguns autores criticam a disciplina relacionando-a a coação de ações, ideias, expressões. Dentre eles está Michel Foucault (1926-1984) que em seu livro *Vigiar e Punir*, apresenta o conceito de disciplina segundo sua perspectiva:

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Em contrapartida a essas definições existem teóricos que apontam os aspectos positivos da disciplina e da autoridade no processo de desenvolvimento do indivíduo. Caetano (2008), afirma que a relação entre pais e filhos pode condicionar, ou não, a formação da autonomia do indivíduo. A formação da autonomia, de acordo com Piaget, demanda da presença do adulto, principalmente os pais, sobretudo, da disciplina por eles estabelecida. Segundo Salk (1982, p. 60):

A disciplina é essencial para o crescimento e desenvolvimento sadios e constitui parte integrante do aprendizado. Regras, regulamentos, leis e princípios governam quase todas as atividades intelectuais, seja nas ciências, nas artes ou humanidades. [...] A disciplina dá uma estrutura e contribui para uma estabilidade compreensível.

O fato é que, para uma criança adquirir gosto pelos estudos, sabendo que isto não se trata de algo inato, é preciso que haja um mínimo incentivo, como o próprio Piaget defende, a criança não se “autogoverna” sozinha. Marinho, Soares e Souza (2004), apresentam algumas orientações para a promoção de

comportamentos facilitadores da aprendizagem, dentre elas, a criação de uma rotina organizada e afirmam que é de grande relevância que os pais estabeleçam horários para as atividades diárias dos filhos e que estas regras sejam claras e objetivas.

Apresentamos aqui a importância dos métodos voltados a “disciplinarização” dos filhos em relação aos estudos como sendo algo benéfico à aprendizagem e formação do indivíduo. E como afirma Salk (1982), disciplinar os filhos mostra que os pais se preocupam com a forma como eles pensam e agem e, desta forma, buscam oportunizar aos filhos uma boa formação para que eles convivam bem na sociedade. Neste sentido, a disciplina pode ser entendida como algo que adquirimos a partir de nossa relação com o meio no qual estamos inseridos e que se faz necessária para melhor nos relacionarmos neste meio. De acordo com o que afirma o psicólogo James Dobson (1984), uma criança não irá se autodisciplinar, é necessário haver a instrução de outro sujeito, um adulto, no caso os pais, que ao estabelecerem e incentivarem os filhos à criação de uma consciência em relação à postura diante dos estudos, poderão favorecê-los em sua aprendizagem. Dobson afirma ainda que a responsabilidade a ser ensinada a uma criança se faz por meio da dosagem correta do amor e da disciplina pela família. Schmidt apresenta o conceito de responsabilidade:

São manifestações de responsabilidade assumir *intensa, plena e voluntariamente* suas decisões, responder leal e corajosamente pelos cometimentos, prestar contas dos encargos ou obrigações, sofrer críticas, defender direitos inerentes ao merecimento (SCHMIDT, 1974, p. 14, grifo do autor).

Esta discussão acerca dos métodos relacionados à educação dos filhos tem sido debatida por muitos estudiosos, dentre eles La Taille (2009). A divergência está na dosagem desta disciplina. Há disciplina excessiva em alguns casos e, em outros a falta dela, ou seja, a permissividade. Segundo Marinho, Soares e Souza, (2004, p. 9):

As antagônicas atitudes de superproteção e de permissiva independência podem prejudicar o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Ela deve aprender a ser independente, mas sem se sentir abandonada. Para isso, os pais devem conciliar o supervisionar com o conceder independência gradativa ao filho.

Será possível que os pais participem da vida escolar dos seus filhos sem serem invasivos, ou “superprotetores”, como citado acima? O fato é que essa participação pode ser relevante e fazer a diferença no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Segundo Araujo (2005), o diálogo é a melhor maneira para que os pais tenham um bom relacionamento com os filhos, sobretudo, em se tratando de sua educação e formação. O envolvimento dos pais com a vida escolar dos filhos por meio do diálogo poderá lhes favorecer em sua aprendizagem, ao passo que se crie assim uma relação na qual a criança tenha um ponto de orientação e se sinta, de certo modo, amparada em suas dificuldades e valorizada em seus progressos. De acordo com Schmidt (1974, p. 100):

A família age como um filtro dos conceitos e atitudes lá de fora. A criança iniciada em casa na arte de ver e entender os programas de radio, televisão e cinema tem mais defesa ante os impactos das forças educativas assistemáticas.

Dobson faz menção à influência direta que a relação de disciplina estabelecida pelos pais aos filhos em casa pode ter na formação e relação exterior dos mesmos. Ou seja, na escola e na sociedade de modo geral, afirmando que os filhos:

[...] precisam de assistência no aprender como enfrentar o desafio e as obrigações da vida. Devem aprender a arte do autodomínio. Devem estar equipadas com a força pessoal para enfrentar as exigências que lhes são impostas pela escola, pelos membros de seu grupo, e mais tarde pelas responsabilidades da vida adulta. (DOBSON, 1984, p. 12)

É possível relacionarmos a disciplina com a importância da mediação dos pais na aprendizagem e na vida escolar dos filhos. O papel dos pais no incentivo dos filhos à formação da consciência em relação aos estudos seria o de discipliná-los a assumirem tal postura e a terem responsabilidade como alunos, como sujeitos em formação. No entanto, há ainda uma “caracterização negativa dos pais e de toda e qualquer ação de disciplinamento dos filhos” (NÉRICI, 1976, p. 18). Mais uma vez

fazemos menção a Foucault, que ao tratar de disciplina em seu *Vigiar e Punir* afirma que:

A disciplina fabrica assim, corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Em sua ação educativa mediadora, os pais podem incentivar nos filhos a criação do senso de responsabilidade, em relação aos estudos. Segundo Nérici (1976), liberdade, respeito ao próximo, participação e responsabilidade seriam quatro pontos que deveriam nortear toda ação educativa do lar e da escola. E em seu livro *Educação e Maturidade*, afirma que, a tomada de consciência e responsabilidade pelo indivíduo em relação aos estudos é importante para sua formação. Deste modo, cabe aos pais, incentivar os filhos à busca por essa conduta consciente e responsável.

Não tem sentido o processo educativo que não tenha em mira, principalmente, em sentido social, o desenvolvimento do senso de responsabilidade, porque, sem este, tudo será em vão, anárquico, personalista, egoísta, e, pior do que tudo, liberticida (NÉRICI, 1976, p. 21).

Contudo, o autor afirma ainda que, a educação não se trata de uma garantia plena de que o sujeito venha a alcançar por completo a consciência de suas responsabilidades. Pode-se dizer que, a postura dos pais em relação aos seus deveres para com a formação de seus filhos, poderá tornar mais eficiente sua ação educativa, visto que, deste modo, como afirma ela, os pais poderão conduzir seus filhos com mais “convicção, confiança e entusiasmo”. (NÉRICI, 1976, p. 23).

Para isso é importante que pais e mães orientem seus filhos a terem disciplina em relação aos estudos, de modo que, aos poucos, eles possam se disciplinar por si só. Segundo Schmidt (1974), a autoridade-poder, oprime e revolta, já a “autoridade-dialogante”, pode vir a ser um elemento disciplinador que leva o sujeito à obtenção de sua autonomia e sua auto-direção.

O momento da lição de casa é outro dilema enfrentado por muitos pais. Um momento que pode se tornar desgastante e conflituoso para a relação entre pais e filhos. No livro *Pais que educam, uma aventura inesquecível*, Ceres Alves de Araujo afirma que, existem muitas maneiras para que os pais incentivem a aprendizagem dos filhos e defende o lúdico como sendo um bom recurso para tal. “Eles precisam ficar atentos ao que o filho está aprendendo na escola e contribuir com elementos que ampliem seu conhecimento” (ARAUJO, 2005, p. 75).

É importante que os pais participem e auxiliem os filhos nos deveres escolares, porém, pais que fazem os deveres dos filhos não estão ajudando, pelo contrário, estão favorecendo que eles se acomodem, ou até mesmo deixem de se sentir capazes de realizar tais tarefas e com isso aprender. Segundo Weil (1991, p. 67-68):

O ideal é que os pais criem nos filhos o hábito de estudar sozinhos. Apenas ajudar quando chamados, mas sempre no sentido de fazerem achar a solução do problema. A presença dos pais é indispensável no caso do ditado ou da tomada da lição. É desse modo que melhor colaborarão com o trabalho do professor.

Os rigorosos métodos asiáticos de educação dos filhos tornaram-se polêmica em todo o mundo. Revistas, jornais e até livros foram publicados tratando destes métodos, como o best-seller, *Battle Hymn of Tiger Mother*, de Amy Chua, professora americana, filha de imigrantes chineses. No livro a autora relata sua tentativa de educar suas filhas segundo os métodos chineses, mesmo vivendo em território americano. Amy estabeleceu inúmeras restrições para fazer com que suas filhas tivessem um bom desempenho escolar, regras como horário rígido para tudo, proibições de atividades como, ver tv, sair para brincar, entre outras. Para os orientais, preparar os filhos para o futuro é um gesto de proteção, desta forma, é dever dos pais fazer com que os filhos percebam o que são capazes de fazer.

Em contrapartida o professor e especialista em comportamento de pais, do Instituto de Tecnologia de Pequim, Yang Dongping, afirmou em uma entrevista ao jornal BBC Brasil, que este estilo de educação é tradição na China. No entanto, para ele, esse modo de educar os filhos limita sua criatividade e sua imaginação.

Quando falamos sobre o ato de disciplinar os filhos, talvez um meio termo fosse o ideal, considerando que tanto a ausência por completo da disciplina, quanto o excesso dela, pode não ser favorável à educação e a aprendizagem dos filhos. A disciplina, ao mesmo tempo que exerce um poder, pode favorecer a aquisição do conhecimento pela criança.

Novamente retomamos a ideia da importância da participação mediadora dos pais na vida escolar dos filhos, e como tratamos anteriormente, os pais podem incentivar os filhos a estudar, contribuindo com sua aprendizagem e formação de diversas maneiras, por exemplo, mostrando interesse em saber sobre o que estão aprendendo na escola, se estão conseguindo acompanhar o andamento das atividades escolares, os progressos e dificuldades que tiveram. É importante considerarmos as condições culturais dos pais deste indivíduo, sua bagagem de conhecimentos, o nível de instrução que possuem. Muitas vezes a família pode não desempenhar um papel tão participativo na vida escolar da criança por falta de condições para isso.

Em meio a tantas discussões acerca da importância da participação familiar na educação e na aprendizagem dos indivíduos, nos questionamos sobre como esta participação vem acontecendo nos dias de hoje. Uma matéria publicada pela revista *Zero Hora*, em novembro de 2007, mostrou que, a relação entre pais e filhos está cada vez mais em “pé de igualdade” e que houve uma queda da autoridade dos pais. Segundo Grünspun (1983), a sociedade se modificou em diversos aspectos, conseqüentemente a relação de autoridade dos pais com os filhos também sofreu modificações, o que resultou na crise desta autoridade.

Enquanto durante séculos houve educação fundamentada num regime patriarcal, com a crescente industrialização o pai passou a ser ausente de seu lar, de sua mulher e de seus filhos, diminuindo, com isso, sua autoridade e reduzindo a dependência de seus familiares (GRÜNSPUN, 1983, p. 19).

É claro que não podemos generalizar, essa condição, visto que temos de considerar a realidade da sociedade em que vivemos hoje, levando em conta as modificações sociais pelas quais passamos. Uma pesquisa realizada com pais e mães de crianças de dois a seis anos de idade, mostra que o conceito de obediência

muitas vezes não está claro para as crianças e nem mesmo para os próprios pais. De acordo com Caetano (2008, p. 179):

Nem sempre os objetivos dos pais ao educar as crianças estão claros para eles mesmos. Porém suas atitudes e intervenções estão absolutamente relacionadas com seus conceitos morais, ainda que eles não os sistematizem.

Ainda segundo Grünspun, a criança precisa de uma figura de autoridade para lhe orientar em sua formação e, por meio desta, ela poderá selecionar suas vontades, coordenar seus desejos, e se tornar mais organizada. No entanto, essa autoridade somente será de fato positiva para a aprendizagem da criança se for estabelecida de forma aprazível, clara e objetiva, como dissemos no início do capítulo. A autoridade deve ser exercida por meio de diálogo, sobretudo, diálogo entre os pais e a seguir entre pais e filhos.

Os pais têm função diferente em relação aos filhos; essa função deve se completar, ser harmônica. Quando não há harmonia, não existe autoridade ou há patologia da autoridade. Se um dos pais tenta suprir o que acha de errado nas atitudes do outro, criam-se conflitos de autoridade para os filhos – razão de sofrimento (GRÜNSPUN, 1983, p. 32).

Mas até que ponto essa autoridade deve ir para que não se transforme em autoritarismo? No capítulo seguinte apresentamos os pontos que diferem autoridade e autoritarismo, diante de fatos sociais e históricos que marcaram as épocas no decorrer do tempo.

3 AUTORIDADE SEM AUTORITARISMO

Quando falamos sobre autoridade nos deparamos com algumas divergências quanto a suas implicações. Em termos de senso comum, ouve-se dizer que ela é necessária ao convívio sadio de uma sociedade, tanto na família quanto na escola, ou seja, “serve para estabelecer limites internos, ajuda na autodisciplina e no autocontrole” (CRAVEIRO, 2009). Em contrapartida, existem autores que apontam a autoridade como um problema. Afirmam que autoridade está relacionada à exploração. “O indivíduo em situação dominante, que pilha e explora seus semelhantes, o faz, em grande parte, porque detém a autoridade” (LOBROT, 1977, p. 14).

Contudo, se considerarmos, as especificidades do termo autoridade, é possível percebê-la como atitude que, por sua vez, pode contribuir com o processo de educação dos filhos, isto em relação não só a sua vida escolar, objeto de estudo do presente trabalho, mas em relação a toda participação dos pais na formação e no desenvolvimento dos filhos. Isto porque, para que os pais incentivem os filhos à criação de uma postura disciplinada em relação aos estudos, necessitam exercer seu papel de autoridade, estabelecendo regras que propiciem um ambiente organizado e que favoreça seu aprendizado.

Como afirma Grünspun (1983), para que haja liberdade é preciso haver autoridade, sendo esta liberdade, definida por ele como um sentimento de satisfação das necessidades pela criança. Se houver a autoridade adequada, os pais poderão fazer com que os filhos vejam o estudo como algo verdadeiramente prazeroso e necessário a uma boa formação, e que a partir desta formação eles poderão obter suas realizações futuras. Em relação à autoridade dos pais, é importante que ela esteja embasada em um critério pragmático de tarefas realizáveis, caso contrário, torna-se uma imposição, nada mais que uma forma de anular a vontade do outro estabelecendo a vontade de quem se impõe. A autoridade no processo de educação dos filhos, mais especificamente, no processo de mediação dos pais na vida escolar dos filhos, seria como um ponto orientador que norteia esse processo de formação. Algo simples, como, o horário para fazer o dever escolar, pode se tornar desgastante em uma relação em que não haja autoridade por parte dos pais. Talvez

a autoridade dos pais possa ser algo construído e constituído desde que a criança nasce.

Craveiro (2009) em um artigo sobre autoridade e autoritarismo, afirma que, a autoridade é necessária para a educação do homem enquanto ser social, pois tem papel estruturante na formação da personalidade do indivíduo. A autora afirma ainda que, pais ou professores em decorrência da perda desta autoridade, acabam por exercer o autoritarismo. No dicionário a palavra “autoritarismo” está definida como algo que se impõe pela autoridade, de caráter despótico, violento e dominador. Buriasco (2013) afirma que, “Uma pessoa autoritária é uma pessoa intransigente e ditatorial”.

Porém, a autoridade pode ser um importante elemento na relação de incentivo aos estudos, visto que, por meio dela os pais terão condição de orientar os filhos a adquirir uma disciplina quanto a suas atividades escolares, o que lhes irá favorecer em sua aprendizagem. Esse estabelecer da disciplina por meio da autoridade poderá acontecer de duas maneiras, na forma da dominação ou na forma da conscientização. A forma da dominação está ligada ao autoritarismo, ou seja, ao impor da regra pela regra, sem que haja um sentido claro para a criança. Por outro lado, a forma da conscientização, está mais próxima da relação de mediação dos pais para com a vida escolar dos filhos, de modo que, o incentivo seja como um instrumento que os leve a um melhor desempenho nos estudos e conseqüentemente a uma boa formação.

Na área do serviço social, por exemplo, o profissional assistente social incentiva os indivíduos ou grupos a realizarem determinadas tarefas de modo que, alcancem assim os resultados que se espera. Neste processo este profissional também precisa conter algumas ações e estabelecer regras para favorecer a realização destas tarefas criando assim um ambiente favorável para os respectivos indivíduos.

Segundo Scriptori (2010), cabe a família, enquanto instituição social, transmitir ao sujeito a cultura e educá-lo para convívio em sociedade e partindo do fato de que a sociedade é regida por regras, os pais podem ter um importante papel na preparação dos filhos para esta convivência social, sobretudo, na escola.

A atitude dos pais, suas práticas educativas, a atmosfera sócioafetiva vivenciada no ambiente doméstico são aspectos que interferem diretamente no desenvolvimento individual, revelando-se no comportamento social da criança (SCRIPTORI, 2010, p. 3).

De acordo com informações do Ministério de Educação (MEC), em março de 2011 uma pesquisa revelou que, quando os pais acompanham e participam da vida escolar dos filhos suas notas aumentam cerca de 20%. Atitudes simples como, conversar com os filhos sobre a escola, acompanhar sua lição de casa, incentivá-los a respeitar o horário de início e término da aula, para que não percam conteúdo, entre outras poderão favorecer seu aprendizado.

A questão é que para que os pais possam mediar o processo de aprendizagem dos filhos, participando de sua vida escolar e incentivando-os a buscarem sempre um bom desempenho e uma boa formação é necessário que haja uma relação harmoniosa entre ambos, sem que se perca de vista a disciplina e a organização, que por sua vez demandam de uma figura de autoridade, autoridade que se revele como conscientização e não dominação.

Novamente ressaltamos a importância de haver diálogo na relação entre pais e filhos ao longo de seu processo de educação, justamente para que a autoridade dos pais não se transforme em autoritarismo ou em meras regras sem significado. Segundo Scriptori (2010, p.13-14):

[...] no processo do diálogo, é preciso lembrar que este implica em voltar a organizar a situação tantas vezes quantas se fizer necessário, considerando os possíveis fracassos ('erros') como esperados e como parte do processo construtivo dessas relações. A isso chamamos de 'correção de trajetória', que leva a um bom termo a relação entre educador e educando e exige uma grande dose de paciência.

O diálogo pode ser muito importante para o processo de formação da criança, uma vez que cria uma relação de troca de experiências entre pais e filhos e oportuniza a criança compartilhar com os pais os conhecimentos que ela vem construindo. Bello (2011), afirma que as normas e os valores transmitidos pela família são fundamentais na educação de uma pessoa, e que os pais, muitas vezes não sabem como intervir na formação dos filhos. E inseguros sobre o que dizer,

quando dizer e com receio de traumatizá-los acabam omitindo-se das quais. A autora defende o uso do diálogo na educação e ressalta que a falta de limites, de orientação pode ser bastante prejudicial ao desenvolvimento da criança.

A falta de limites em casa repercute em toda vida social da criança, inclusive e principalmente na escola, onde ela passa grande parte do seu tempo. Deste modo, essa questão envolve não somente a família, mas também todo o contexto escolar, influenciando o andamento das aulas, o relacionamento com colegas e professores e o aprendizado (RODRIGUES; TEIXEIRA, 2011, p. 3).

A participação dos pais na vida escolar dos filhos favorece, ainda, o desenvolvimento da confiança da criança em relação aos pais e em suas demais relações, o que poderá contribuir para sua aprendizagem. Mediante essa relação de confiança entre os sujeitos as crianças poderão desenvolver melhor sua autoconfiança e sua autonomia:

A atitude de confiança faz crescer mentalmente porque desenvolve a autoestima. Abre a alma ao invés de fechá-la. Permite a revelação ao invés da simulação. Sentir-se compreendido dispõe a responder ao apelo da aproximação (SCHMIDT, 1974, p. 131).

Lima e Domingues (2007) afirmam que, o envolvimento da família com a vida escolar da criança pode ser fundamental não só para o seu bom desempenho escolar, mas para o desenvolvimento de seu equilíbrio emocional, afetivo e cognitivo, e ainda pode contribuir para que ela desenvolva melhor sua autoconfiança e venha a ser um adulto mais seguro de si.

4 ESTUDO DE CASO

Para elucidar nosso tema, realizamos, também, um estudo de caso, com uma determinada família. Este estudo pretendeu confirmar a hipótese de que a participação dos pais na vida escolar dos filhos pode contribuir para sua aprendizagem. A família² em questão é composta por, três pessoas, Júlio César, o pai, tem trinta e três anos e desempenha profissionalmente a função de metalúrgico; a mãe, Cristina, educadora infantil, tem trinta e sete anos de idade e a filha, Laura, de oito anos. Laura foi escolhida, porque apresenta características comportamentais e vivências poderão contribuir para legitimar o que propõe a pesquisa realizada e apresentada no presente trabalho.

Realizamos uma entrevista com a família. Por meio de uma conversa informal e a partir dela foram obtidas e transcritas as informações. Dessa forma foi possível identificar os que aspectos, nos quais o envolvimento dos pais na vida escolar da criança têm sido relevantes, tais como o seu desempenho escolar e a superação de suas dificuldades de aprendizagem. De acordo com o que nos foi relatado, a forma como os pais se envolvem e se preocupam com os estudos e a formação da criança, e a compreensão que ambos possuem sobre a importância de sua participação neste processo de formação, contribuirão para mostrarmos que de fato, pais que se interessam pela vida escolar dos filhos favorecem sua aprendizagem ao longo da vida.

Laura, que hoje está com oito anos de idade, iniciou sua vida escolar aos cinco anos, em uma escola na cidade onde nasceu, o município de Sarandi, tendo trocado de escola outras duas vezes. Atualmente está matriculada no quarto ano do Ensino Fundamental de nove anos, no Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP-UEM), no período vespertino. Duas vezes por semana (terças e quintas-feiras) a menina é atendida pelo PROPAE, Programa Interdisciplinar de Pesquisa e Apoio a Excepcionalidade da Universidade Estadual de Maringá. A mãe relatou que ao notar que a filha não estava conseguindo acompanhar sua turma nos conteúdos e que vinha encontrando grandes dificuldades para aprender e desenvolver as habilidades

² Foram utilizados pseudônimos para descrição dos participantes do respectivo estudo de caso.

pertinentes à série na qual estava, decidiu procurar ajuda. Então ao conversar com uma das coordenadoras desse projeto, a professora Tania Alvarez, foi aconselhada a levar Laura para uma avaliação. Desde então a menina passou a frequentar o programa, que segundo a mãe teve grande relevância em seu progresso escolar. Segundo Júlio e Cristina, a filha não possui nenhuma excepcionalidade grave, mas os pais perceberam que ela tinha um pouco de dificuldade de concentração e raciocínio e nos relatou que a própria somente aprendeu a ler de fato no terceiro ano. Na entrevista, Cristina afirmou que, o PROP AE, auxiliou Laura na aquisição da leitura, pois a menina não estava conseguindo se adaptar a metodologia da escola. Antes de conversar com a coordenadora do programa, Cristina até levou Laura a um fonoaudiólogo, pois a menina trocava algumas letras, e a uma psicopedagoga por ela não estar conseguindo acompanhar sua turma, porém, depois que começou a frequentar o PROP AE, Laura superou consideravelmente suas dificuldades de aprendizagem e hoje acompanha normalmente os conteúdos da escola.

Tanto o pai quanto a mãe da criança afirmaram incentivá-la constantemente em relação aos estudos, e quando notam que ela não está correspondendo a tais incentivos passam a negociar regras e horários com ela. Como já foi dito, a família mora no município de Sarandi/PR, (próximo a Maringá), e somente se reúne no período da noite, pois durante o dia os pais trabalham. Quando não está na escola, a menina fica sob os cuidados da avó paterna que mora próxima a sua casa. A mãe e o pai, antes de sair, fazem as devidas recomendações sobre horário de fazer os deveres escolares, brincar e começar a se organizar para ir para aula. Fica para a avó o papel de fiscalizar se tudo será cumprido como determinado pelos pais.

Pelos relatos da avó, Madalena, a menina segue as recomendações dos pais, e todos os dias, pela manhã, senta-se à mesa da cozinha para realizar a lição de casa, para estudar, para alguma prova que venha a ter na escola ou mesmo para revisar um conteúdo que aprendera.

Os pais afirmaram incentivar a filha a fazer o dever de casa, estudar e ir à escola todos os dias, apesar de que, Laura muitas vezes fica impossibilitada de frequentar as aulas por motivo de saúde. Neste caso, os pais procuram ajudá-la em casa para que isso não prejudique sua aprendizagem. Júlio e Cristina afirmaram

ainda, que acompanham a rotina escolar da menina e estão sempre a par do que diz respeito aos estudos dela.

Quando perguntamos aos pais da menina sobre sua postura em relação à disciplina dela para os estudos eles nos relataram que, não são muito rigorosos, porém também não são muito permissivos, tentam manter um equilíbrio na hora de ditar as regras quanto a rotina de estudos da filha. Então perguntamos a eles qual era sua concepção sobre uma postura rigorosa e uma postura permissiva. Para os pais da menina, ser rigoroso é ser autoritário, impor regras aos filhos de forma inquestionável ou inegociável. Em contrapartida, responderam que ser permissivo é deixar a educação dos filhos ao léu, é se ausentar da participação deste processo de educação.

Perguntamos aos pais ainda, se desempenham e como desempenham o papel de mediadores da aprendizagem da menina. A mãe afirmou que muitas vezes a própria filha não permite que os pais a ajudem e que a partir do que lhe foi ensinado na escola, Laura tenta realizar as tarefas por conta própria, no entanto, vez ou outra solicita o auxílio dos pais, para lhe tirar alguma dúvida. Deste modo, Júlio e Cristina procuram negociar horários e regras com o intuito de facilitar o desenvolvimento da autonomia da menina.

De acordo com o relato dos pais, a forma como eles se envolvem na vida escolar da menina tem, visivelmente, contribuído para sua aprendizagem e seu desenvolvimento em todos os aspectos, tanto psicológicos como sociais. A mãe afirmou que, a partir da rotina disciplinada estabelecida por ela e pelo pai da menina, Laura passou a se organizar melhor quanto aos seus estudos e até mesmo quanto a seu tempo e seus materiais.

Quando findamos a entrevista, questionamos aos pais da menina sobre a relevância da participação dos pais na vida escolar dos filhos, retomando o tema da pesquisa que nos levou à respectiva investigação. Ambos afirmaram que muito é importante para a formação dos filhos que os pais participem de forma ativa de sua educação e aprendizagem e que buscar auxílio para uma boa formação é o mínimo que os pais podem fazer por seus filhos.

A atitude de envolvimento dos pais de Laura levou-os a procurar ajuda de profissionais o que possibilitou à filha superar as dificuldades e prosseguir seu estudo. Conversamos durante algumas horas sobre tudo o que envolvia a vida escolar da menina e a relação dos pais com seu processo de formação e a partir da entrevista realizada obtivemos os dados que buscávamos para poder confirmar a hipótese de que a participação dos pais nos estudos dos filhos pode ter grande relevância em seu desempenho escolar e contribuir significativamente com a sua aprendizagem e formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho de conclusão de curso foi investigar, por meio de um estudo de caso, as contribuições da participação dos pais na vida escolar dos filhos e apresentar a partir de fontes teóricas diversas, em que aspectos essa participação pode favorecer a aprendizagem da criança.

Com base no estudo realizado, pudemos verificar a relevância de pensarmos e discutirmos sobre esta temática. Por meio deste estudo constatamos, segundo os autores que nos deram respaldo teórico que, de fato o envolvimento familiar com os estudos da criança pode interferir positivamente em seu desempenho escolar e que é muito importante esta participação dos pais na vida escolar dos filhos, tanto como figura de incentivo e motivação quanto como figura de autoridade disciplinadora, no sentido de orientar e estabelecer uma rotina organizada em relação aos estudos dos filhos.

Como apresentamos no decorrer do presente trabalho, esta postura disciplinadora dos pais pode favorecer o desenvolvimento da autonomia dos filhos, uma vez que, bem direcionados e acompanhados pelos pais, a criança terá mais segurança e autonomia para que com o tempo possa se “autogovernar”.

A partir da pesquisa bibliográfica tivemos condição de apresentar os conceitos e teorias que abarcam esta questão da influência familiar na aprendizagem da criança e fazer uma discussão entre os autores que defendem e os que são contra o uso da disciplina por meio da autoridade na educação dos filhos. Nosso objetivo desde o início foi apresentar os aspectos positivos desta postura disciplinadora dos pais em relação aos estudos dos filhos com base em seu papel de autoridade, tendo em vista a importância de haver uma supervisão dos pais para com a vida escolar da criança, porém, sempre ressaltando que, tanto a autoridade quanto a disciplina, embora, teoricamente, estejam ligadas ao autoritarismo, na prática tem sentido diferente.

O estudo de caso, por sua vez, nos possibilitou verificar na prática, de que maneira este envolvimento dos pais com a vida escolar da criança pode contribuir para sua formação, favorecendo sua aprendizagem e facilitando seu processo de desenvolvimento. O respectivo caso, nos mostrou que a participação dos pais da menina foi fundamental em seu processo de aprendizagem, visto que, Laura até então estava tendo dificuldades em acompanhar o andamento dos conteúdos na escola. A partir do momento que a mãe (da menina) percebeu as dificuldades que a filha estava tendo em seu aprendizado, buscou ajuda e juntamente do pai, adotaram uma postura mais disciplinada para com a rotina de estudos de Laura.

REFERÊNCIAS

- ANDOLFI, M; HABER, R. **Por favor ajude-me com esta família: usando consultores como recursos na terapia familiar**. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- ARAUJO, Ceres Alves de. **Pais que educam: uma aventura inesquecível**. São Paulo: Editora Gente, 2005.
- BELLO, T. O diálogo entre pais e filhos. **Revista Programa**, São Paulo, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.escoladepaisdebiguacu.org.br/2011/07/o-dialogo-entre-pais-e-filhos/>> Acesso em: 8 jun. 2013.
- BOTTURA, W. J. **Filhos saudáveis**. São Paulo: República Literária, 1993.
- BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dos Princípios e Fins da Educação Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases**, Brasília, p. 1.
- BRASIL, Ministério da Educação. Você participa da vida escolar do seu filho? **Mobilização Social pela Educação**. Brasília, 2013.
- CAETANO, L. M. **O conceito de obediência na relação pais e filhos**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CARVALHO, M. E. P. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Centro de educação**, Paraíba, Jan./Fev./Mar./Abr. nº 25, 2004.
- CIA, F; PAMPLIM, R. C. O; WILLIAMS, L. C. A. O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. **Psicologia em estudo**, vol. 13, nº 2, Maringá, Apr./June, 2008.
- CIA, F; BARHAM, E. J. O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-74, jan./mar. 2009.
- CHECHIA, V. A. e ANDRADE, A. S. Representação dos pais sobre o desempenho escolar dos filhos. **Seminário de pesquisa**, V, Ribeirão Preto, SP, Tomo II, livro de artigos, 2002, p. 207-219.
- CHUA, Amy. **Grito de Guerra da mãe-tigre**. 1. ed. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. São Paulo: Intrínseca, 2011.
- CRAVEIRO, L. Autoridade vs autoritarismo. **Outros olhares**, Portugal, fev, 2009. Disponível em: <<http://lidia-outrosolhares.blogspot.com.br/2009/02/autoridade-vs-autoritarismo.html>> Acesso em: 13 Jun. 2013.
- DIAS, M. L. **Vivendo em família: relações de afeto e conflito**. São Paulo: Ed. Moderna, 1992.

DINKMEYER, D; DREIKURS, R. **Encorajando crianças a aprender: o processo do encorajamento**. Tradução de Terezinha Eboli e Yedda Salles. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

DOBSON, J. **Ouse disciplinar**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Miami: Ed. Vida, 1984.

ELKIN, Frederick. **A criança e a sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Block, 1968.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; Tradução de Raquel Ramallete, Petrópolis: Vozes, 1987.

GARCIA, S; MEIER, M. **Mediação na aprendizagem**. 1. ed. São Paulo: Kapok, 2007.

GOULART, Nathalia. Baixo grau de instrução dos pais interfere no desempenho escolar dos filhos. **Veja**, São Paulo, ago. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/baixo-grau-de-instrucao-dos-pais-interfere-no-desempenho-escolar-dos-filhos-2>> Acesso em: 15 jun. 2013.

GRÜNSPUN, H. **Autoridade dos pais e educação da liberdade**. São Paulo: Almed, 1983.

HORA, Zero. Efeito Homer Simpson mostra queda de autoridade dos pais. **Zero Hora**, Porto Alegre, Nov. 2007. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2007/11/efeito-homer-simpson-mostra-queda-na-autoridade-dos-pais-1676839.html>> Acesso em: 25 jun. 2013.

Atenção, disciplina e incentivo ajudam no dever de casa. **Jornal do Senado** - Ano V - nº 181, Especial Cidadania – Brasília, 13 a 19 ago. 2007.

LIMA, P. G; DOMINGUES, J. L. Família e aprendizagem dos filhos na escola: algumas pontuações a partir da percepção de professores. **Acta Científica**, São Paulo, 2007.

LOBROT, M. **A favor ou contra a autoridade**. Trad. Ruth Jofily Dias. São Paulo: S. A. RJ, 1977.

MAGALHÃES, M. C. Contribuições da Pesquisa Sócio-Histórica para a Compreensão dos Contextos Interacionais da Sala de Aula de Línguas: foco na formação de professores. **The Specialist**. v. 17, nº. 1, p. 01-18. São Paulo, 1996.

MARINHO, Maria Luiza; SOARES, Maria Rita Zoéga; SOUZA, Silvia Regina de. Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudo em crianças. **Estudos de psicologia**, Campinas, vol. 21 n. 3, Sept./Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2004000300009> Acesso em: 13 jun. 2013.

MCGREGOR, D. **O lado humano da empresa**. Douglas McGregor; Tradução de Margarida Maria C. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MIRANDA, Marília Gouveia de. Psicologia do desenvolvimento: o estudo da construção do homem como ser individual. **Educativa**, Goiania/GO, v. 2, p. 45-62, 1999.

NÉRICI, I. G. **Educação e maturidade**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1976.

NOGUEIRA, M. A. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. **Cadernos de Educação PAIDÉIA**, Ribeirão Preto, Fev/ago, 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. Marta Kohl de Oliveira. – 5. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

RODRIGUES, G. A, TEIXEIRA, R. C. P. A falta de limites na relação pais e filhos e o papel da escola. **Revista da Graduação**, vol. 4, nº 2, 2011.

SCHMIDT, Maria Junqueira. **Educar para a responsabilidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1974.

SCRIPTORI, Carmem Campoy. Entre o autoritarismo e a autoridade: o papel dos pais pela via do diálogo. **Nuances: estudos sobre educação**. Presidente Prudente/SP, v. 14, nº 15, p. 169-183, jan./dec. 2007.

SOUZA, A. P; ROSSO, A. J. Mediação e zona de desenvolvimento proximal (zdp): entre pensamentos e práticas docentes. **Educere**, Curitiba, Nov. 2011. Disponível em: < http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4604_3097.pdf> Acesso em: 18 jun. 2013.

TARGINO, R. R. B. O homem e suas relações. **Educação e Didática**, Paraíba, fev. 2011. Disponível em: <<http://reginabotto.blogspot.com.br/2011/02/o-homem-e-suas-relacoes.html>> Acesso em: 21 jun. 2013.

TOLEDO, Diego. Estilo de educação das 'mães tigresas' da China causa polêmica. **BBC BRASIL**, São Paulo, jan. 2011. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/01/110125_china_maes_tigresas_rp.sh> Acesso em: 10 jun. 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 1. ed. Martins Fontes: São Paulo, 1984.

VIGOTSKI, L. S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5. ed. São Paulo, 1988.

VIGOTSKI, Lev Semanovich, 1896-1934. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Organizadores: Michel Cole... [et al.]; tradução José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 7ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R. **Estudos sobre a história do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola**. 14. ed. Petrópolis. Ed. Vozes. 1991.